

A MÁ-FÉ E AS MÍDIAS VIRTUAIS: SARTRE NAS REDES SOCIAIS

RAMIRO DA SILVA DUARTE¹; NUNO MIGUEL PEREIRA CASTANHEIRA²

1. Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – ramirosduarte@gmail.com
2. Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – npcastanheira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Considerando a atualidade do problema das mídias sociais, bem como a compreensão do senso comum de que estas representam “o reino da liberdade”, e somando a isso a perspectiva abordada, por Sartre, em *O Ser e o Nada*, que fundamenta o ser precisamente como liberdade, penso ser essencial analisar um tema tão atual pautado na pesquisa teórica de um autor que foi maximamente iminente em seu tempo, porém não chegou a vivenciar tais experiências.

Tomo por princípio o conceito de má-fé por crer que, como aponta o próprio autor; “[a má-fé] pode até ser o aspecto normal da vida de grande número de pessoas. Pode-se viver na má-fé [...]” (SARTRE, 2008). E, diz também: “O verdadeiro problema da má-fé decorre, evidentemente, do fato de que a má-fé é fé. Não pode ser mentira cínica nem evidência, sendo a evidência possessão intuitiva do objeto. Mas se denominamos crença a adesão do ser ao objeto, quando este não está dado ou é dado indistintamente, então a má-fé é crença, e o problema essencial da má-fé um problema de crença.” (SARTRE, 2008)

Seguindo a caracterização sartreana da má-fé, e os desdobramentos desta como possibilidade na constituição do Ser, como o autor aponta: “a má-fé é fé e implica em seu primeiro projeto sua própria negação (determina-se a estar mal persuadida para persuadir-se de que sou o que não sou), é preciso que, em sua origem, seja possível uma fé que queira estar mal convencida.” (SARTRE, 2008)

E, como em uma primeira aproximação, parece que a imersão atual dos indivíduos em ambientes virtuais vai ao encontro da atitude de má-fé, descrita por CARVALHO (2021) como aquela que “exerce sua influência no sentido de aplacar este peso [da angústia frente à responsabilidade] e gerar, assim, uma ruptura com a única escolha que, no campo humano, não está em questão; isto é, ser livre ou deixar de ser”.

A partir desta breve contextualização, é possível esboçar o problema que pretendo abordar: na atualidade, a partir de relações mediadas por telas e câmeras, por aplicativos e por empresas que declaram constantemente seu compromisso com a liberdade, o indivíduo pode, de alguma forma, escapar da má-fé?

Seria esta pseudo-proximidade criada pelas redes sociais, pelo fluxo constante de informação e pelo “acesso pleno ao mundo” um salto em direção a liberdade ou a mais perfeita forma de alienação?

Da formulação do primeiro questionamento surgem outros: nas situações acima mencionadas, a relação com os objetos mediadores é já uma relação com o Outro-objeto discutido por Sartre? Ou, o projetar-se desta forma já é um projetar-se de má-fé, colocando-se já de antemão como objeto para um Outro-sujeito? E, independente das respostas (neste momento), tanto uma como outra destas relações não encaminhariam o indivíduo para as relações sempre fracassadas com o Outro, independente da atitude frente ao outro?

2. METODOLOGIA

Tendo em vista que pretendo abordar um problema sartreano, não vejo algo mais justo que utilizar o método do próprio autor, mesmo que, neste, como aponta SOUZA (2015), haja “dificuldade de tematização do *método sartreano*, a tese do *desdobramento* de Donizetti procura mostrá-lo como algo “crescente”, isto é, na medida em que novos problemas surgem, novos métodos são necessários”.

Tal metodologia aparece na construção da obra *O ser e o Nada*, que parte de “uma problematização de alguns pressupostos da fenomenologia e da necessidade de radicalização ontológica da mesma como sua solução necessária, ao desdobrar tais questões na 1ª parte” (SOUZA, 2015, in Carvalho, Carrasco e Solis). Porém, como a fenomenologia não dá conta de contemplar, em especial, a dimensão totalizante do problema é necessário complementá-la com outras abordagens metodológicas.

Ainda, como aponta SOUZA (2015), esta é uma metodologia que mescla “uma diversidade de métodos (sociologia, etnologia, antropologia, psicanálise, etc) como disciplinas auxiliares no intuito de realizar *mediações*, na tentativa de que as análises regressivas não conduzissem a uma perda do concreto”

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Gostaria de ressaltar que o presente trabalho ainda se encontra em fase inicial, portanto os resultados a serem apresentados são ainda hipóteses de trabalho. É possível apontar algumas conexões iniciais, relacionando a teoria sartreana com a perspectiva do senso comum acerca das “redes sociais”. Nessa esteira é premente tomar como ponto de partida um aspecto da abordagem de FREUD (2011), em *A Psicologia das massas e a análise do Eu*: “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado”.

Desta forma, tomo por hipóteses de trabalho que tendo sido a autenticidade tomada como valor, há a possibilidade de teorizar acerca de uma “autenticidade” de má-fé, que apesar de produzir um paradoxo pode estruturar a investigação da má-fé. Este paradoxo é apresentado pelo próprio Sartre, em *O existencialismo é um humanismo*, tomado de uma maneira diferente, ele diz: “Ao definirmos a situação humana como sendo de uma escolha livre, sem escusas e sem auxílios, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé. Poder-se-ia objetar: e por que ele não poderia escolher-se de má-fé? A isto respondo que não o julgo moralmente, mas defino sua má-fé como um erro.” (SARTRE, 2010).

Isto encaminha para uma hipótese ainda mais abrangente, de que há, inevitavelmente, para o indivíduo, mais possibilidades de constituir projetos de má-fé que projetos autênticos. E, também, há – dadas as atuais condições – a possibilidade de projetos de boa-fé que não conseguem atingir a autenticidade, por estarem fundados em estruturas de “má-fé”. Isso porque existe a possibilidade de que conceitos tomados como fundamentais para a “manutenção” das estruturas sociais sejam forjados de má-fé e perpetuados como valores basilares da sociedade.

Tal hipótese se sustenta caso pensemos no trecho de Freud apresentado acima, bem como na subsequente explicação de Sartre, afinal se é possível parear

indivíduo e sociedade e há indivíduos que podem escolher-se de má-fé, através dos movimentos de massa seria possível a escolha “generalizada” de má-fé.

Assim, poderíamos afirmar que é possível que a “situação-mundo” humana esteja impregnada de má-fé, o que em alguma medida ocasiona a atual “crise de valores” e fenômenos complexos como a assunção da pós-verdade. Não que seja possível defender a existência de valores essenciais, mas a referida crise não parece ser definida por uma reivindicação autêntica de valores, mas pela objetificação e desvalor(iz)ação do outro – com o intuito de o indivíduo afirmar-se como deus, algo que vai de encontro aos preceitos sartreanos – o que revela mais um aspecto da má-fé.

4. CONCLUSÃO

A partir do acima exposto, é possível concluir que mesmo que a autenticidade sartreana ainda seja possível, há muitas possibilidades para o indivíduo projetar-se de má-fé e alienar (pelo menos em aparência) sua liberdade, como forma de livrar-se da angústia que se apresenta como inevitável na condição humana. E, ainda cabe ressaltar que, ao que podemos perceber em aproximações iniciais dos fenômenos virtuais atuais, estes parecem contribuir para que a má-fé afete as consciências e o imaginário coletivo em maior medida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, B. S. de. **Lliberdade e má-fé: a consolidação do pensamento sartriano através da filosofia e da dramaturgia**. In Revista paranaense de Filosofia – Universidade Estadual do Paraná. V.1 n.1, pp. 73-91, 2021.
- FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo; Companhia das Letras, 2011.
- SARTRE, J.-P. **O Ser e o Nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução Paulo Perdigão. 18ª ed. Petrópolis-RJ; Editora Vozes, 2008.
- _____. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis-RJ; Editora Vozes, 2010.
- SOUZA, M. P. de, in Carvalho, M.; Solis, D. E. N.; Carrasco, A. de O. R. *Filosofia Francesa Contemporânea*. Coleção XVI Encontro ANPOF: ANPOF, p. 157-170, 2015.